

Orientação à distância: encontros e encantos entre África e Brasil.

Vera Lúcia Catoto Dias, MSc
Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP
São José dos Campos, SP, Brasil
vcatoto@univap.br

Resumo

O trabalho relata uma experiência vivenciada e apresenta uma linguagem possível para orientação à distância, proposta desenvolvida pela orientação de um trabalho de graduação do Curso de Bacharelado de Formação de Professor, da OWU (One World University, África) via internet entre um aluno na África, Angola, e uma orientadora no Brasil, em São José dos Campos, Estado de São Paulo.

Abstract

This work presents a lived experienced, and presents a possible language for distance advise a final course turn paper on Education at the Bachelor of Sciences level. It was done at the OWU (One World University – Maputo Branch, Mozambique, Africa), via internet, between an Angolan student in Angola, Africa, and a Brazilian adviser, at São José dos Campos, Sao Paulo State, Brazil

Iniciando a história

O presente trabalho, fundamentado em Paulo Freire(1990), Bakthin(1999) e Pichon-Rivière(1991), tem por objetivo apresentar uma linguagem possível para orientação à distância, proposta que foi desenvolvida pela orientação de um trabalho de graduação do Curso de Bacharelado de Formação de Professor, via internet entre um aluno na África, Angola, e uma orientadora em São José dos Campos, Estado de São Paulo, no Brasil. A One World University – OWU – oferece, em Maputo, Moçambique, África, o curso de Formação de Professores a alunos oriundos de países do continente africano falantes da língua portuguesa.

O trabalho é a consequência da minha aproximação com o continente africano. Como docente da Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP – e membro da equipe pedagógica do Programa Alfabetização Solidária Brasil – PAS – a autora participou no desenvolvimento de vários Cursos de Formação Inicial de Alfabetizadores de Jovens e Adultos, nas regiões norte e nordeste do território brasileiro.

O reconhecimento da qualidade do trabalho de formação desenvolvido pela equipe da UNIVAP inseriu-a no Programa Alfabetização Solidária em Moçambique – PASMO.

A cidade de Maputo, capital de Moçambique, serviu de centro de formação para as cinco províncias (estados) que fizeram parte do PASMO, entre o período de setembro de 2001 a dezembro de 2002.

Quando da estadia na cidade entrou-se em contato com várias instituições de formação de professores e assim o foi com a OWU – que mantém curso de formação de professores em nível superior, para alunos e alunas dos países africanos, falantes da língua portuguesa.

O curso está organizado em duas etapas, sendo que a primeira delas é destinada à formação e fundamentação teórica, na configuração de aulas presenciais. Como os alunos e alunas freqüentes são originariamente de localidades distintas e distantes, são sediados em alojamentos da própria universidade. A etapa seguinte é dedicada à parte prática do currículo, onde será desenvolvido o estágio supervisionado em escola da comunidade de origem do aluno em formação, sob a supervisão de profissional de educação, responsável pela direção escolar. A etapa é dedicada à implantação do projeto de pesquisa destinado a elaboração do trabalho de conclusão de curso. E é exatamente nessa etapa que a OWU enfrenta dificuldades para a execução da tarefa, pois necessita de parcerias com instituições de ensino superior para a orientação das monografias.

O perfil do profissional de educação para colaborar com a formação de professores em países africanos, falantes da língua portuguesa, exige que sejam profissionais habilitados, que exerçam a docência em cursos de formação de professores em nível superior de ensino e que apresentem experiência na orientação de trabalhos de conclusão de curso.

Os pré-requisitos anteriores cumprem as exigências profissionais e legais, entretanto existem outras de igual importância que não podem, nem devem ser desconsideradas, ou seja, é necessário que se tenha um conhecimento mínimo sobre a cultura, a história, a realidade dos povos africanos e a sua contextualização em relação à educação e a formação de professores, além de conhecimentos sobre as tecnologias, pois alicerçam a mediação aluno em formação e orientador.

A realidade moçambicana estava presente na minha vida profissional, pelas muitas idas e vindas, entre 2001 e 2002, em que transitei na rota; São Paulo-Jonnesburg-Maputo-Maputo-Jonnesburg-São Paulo, e em meu coração, visto que ao participar do PASMO, nos cursos de formação inicial e continuada de alfabetizadores de adultos em Moçambique, estabeleci vínculos com o povo moçambicano que perpassam a dimensão profissional. A língua portuguesa como língua oficial nos insere na dimensão da identidade entre povos colonizados por Portugal, por essas e tantas outras razões aceitei prontamente o convite

feito para colaborar com a formação de um aluno da OWU, que fazia parte da segunda etapa do programa de formação de professores e havia retornado ao seu país de origem, encontrava-se em Angola.

A preparação para o contato virtual

A mediação para os primeiros contatos foi estabelecida pela coordenadora pedagógica da OWU, profissional da educação, de origem espanhola e sediada em Moçambique, onde desempenha funções pedagógicas em relação ao curso de formação e à docência.

O aluno, que retornara a Angola, passara a etapa primeira da formação em contato direto com o corpo docente e discente da OWU, portanto era conhecido e estabelecera vínculos pedagógicos e afetivos que foram construídos pela permanência durante os meses iniciais da formação em Maputo e através do convívio diário com um grupo constituído pelos pares de colegas e professores. Portanto não sabia nada de mim.

Eu igualmente estivera em Moçambique, mas até então não conhecia o programa de formação de professores da OWU, na sua extensão, profundidade e compromisso. A coordenadora pedagógica subsidiou-me com todas as informações possíveis, garantindo que me sentisse segura e confiante para participar da formação de um dos alunos da OWU, em fase final de formação.

Para dar prosseguimento ao processo de orientação seriam necessárias algumas formalidades, para o estabelecimento do primeiro contato direto entre nós dois. Pelo momento a coordenadora pedagógica mediará a troca de e-mail, permitindo assim que se uma das partes não se sentisse à vontade com a outra poderia recuar e encerraria-se o procedimento para orientação a distância.

Recebi via e-mail um questionário, que se destinava a fornecer informações relevantes sobre minha vida profissional e pessoal ao aluno angolano. Este se constituiu no primeiro desafio a ser superado, foram várias às vezes em que respondi e refiz o questionário. Presente, revelava-se a preocupação com o outro em estabelecer vínculos que fossem permeados pela verdadeira autenticidade da relação. Presentes faziam-se as palavras do mestre Paulo Freire.

“Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política,

ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade.” (Freire, p.26; 2002).

Finalmente consegui superar o desafio e enviei o questionário completo, assim como recebi da coordenadora pedagógica um outro questionário fazendo a apresentação do aluno angolano. A emoção revelou-se ao perceber um jovem, com a mesma idade dos meus alunos, com sonhos, projetos, vida, quer ser professor, ou melhor é professor, está em escola de Ensino Fundamental, faz estágio sob a supervisão da diretora da escola, quer pesquisar sobre o fracasso escolar de adolescentes angolanos. Perfeito, eu estava pronta para participar de seus projetos, fazer parte de sua formação, ele já sinalizara a sua proposta, nos comunicamos.

“A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modifica-lo. O mundo aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.” (Freire, p. 78; 2002).

Acalmei minha alma, pensei na seriedade do projeto e recebi o primeiro e-mail de meu aluno virtual, nele ele se apresentava, e pedia que eu o fizesse também e que enviasse fotos, queria me conhecer. Anexo enviara seu projeto de pesquisa.

“Tudo que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência, vem-me do mundo externo, da boca dos outros (da mãe) etc., e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão a formação original da representação que terei de mim mesmo.” (Bakhtin, 1992, p.278).

O projeto apresentava-se formalmente, podia se perceber as muitas horas dedicadas ao estudo, à disciplina e organização, assim como o conhecimento construído. Era um ótimo projeto, atrás do projeto entretanto estava um ser humano vibrante e eu sabia

muito bem identificar o desejo de se impulsionar, de fazer o movimento presente-futuro, presentes nos projetos de muitos jovens; rapazes e moças, com os quais convivo diariamente em salas de aula, repletas de desejo e de vida pelo conhecimento. Ansiava eu pelo diálogo.

“Não há diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.” (Freire, p.81; 2002).

Iniciamos nosso diálogo mediado pela palavra, palavra dita, pensada, refletida, enviada por e-mail, recebida e viabilizada pelo registro escrito, pelas especificidades do veículo internet.

“O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em um ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo com que o texto participe de um diálogo [...]. Por trás desse contato, há contato de pessoas e não de coisas.” (Bakhtin, 1992, p. 404-5).

A nossa comunicação por internet enfrentou problemas, principalmente em questões relacionadas aos provedores. Durante o período em que nos comunicamos por internet, várias foram as mudanças de endereço eletrônico utilizadas pelo aluno em Angola, na tentativa de agilizar o processo de orientação e preservação dos dados. Não estabelecemos comunicação por chats, pela inexistência do recurso em Angola.

Questões da virtualidade

Como professora do curso de formação de professores da Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Brasil –, a orientação presencial de trabalhos de graduação faz parte da atuação docente. Entretanto, no momento em que o primeiro contato, via internet, com o aluno orientando em Angola foi estabelecido, fez-se necessário desenvolver uma metodologia e prática para a orientação à distância.

A comunicação com internet faz com que o mundo passe por uma nova concepção de distância, pois em segundos rompem-se distâncias inimagináveis, mas se enfrentam dificuldades pela morosidade dos provedores e precariedade das conexões. A mensagem que retorna, os vírus que inviabilizam páginas e páginas de orientação fundamentada, enfim o que deveria ser ágil torna-se vagaroso. Embora essas dificuldades do processo tenham sido contornadas com afinco, enfrentam-se outras com as quais buscam-se alternativas no calor da luta, dadas a urgência da situação.

A linguagem para a orientação à distância proposta nesse trabalho alicerça-se: na leitura de mundo para dar conta de conhecerem-se mutuamente; no estabelecimento do vínculo para permitir que as relações entre orientador e orientando viabilize a elaboração do trabalho, a palavra escrita como representação oral permeie a comunicação pela emancipação de ambos pela palavra.

“Este é um pensar que percebe a realidade como processo, que capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si mesmo na ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme.” (Freire, p. 82; 2002).

O vínculo entre orientador e orientando constrói-se, na orientação presencial, pelo ingresso do aluno à universidade, no decorrer do curso, pelas disciplinas ministradas, alunos e professores interagem e aproximações são estabelecidas permeadas pela construção de conhecimento e identificação intelectual. Na orientação à distância o percurso tem que ser outro, os primeiros e-mails trocados constituem-se em momentos nos quais orientador e orientando buscam se decifrar mutuamente.

“Nossos pensamentos, nossas idéias, nosso contexto geral é, na realidade, uma representação particular e individual de como captamos o mundo de acordo com uma fórmula pessoal, de acordo com nossa história pessoal e de acordo com o modo pelo qual esse meio atua sobre nós e nós sobre ele.” (Pichon-Rivière, pg 59, 1991).

A tendência inicial é pela preocupação com o trabalho em si e em relação ao tempo estabelecido para a conclusão do curso. O foco da orientação presencial é a elaboração do trabalho acadêmico, a orientação à distância exige adequações que devem ser pensadas; a realidade do aluno solitário, distante geograficamente, que tenta atribuir significado ao

processo de elaboração da monografia, ao mesmo tempo em que tenta decifrar a identidade do orientador e compreender as sugestões para a escrita do trabalho.

“Não perguntamos à natureza e a natureza não nos contesta. Perguntamos a nós mesmos e organizamos de uma maneira determinada a observação ou o experimento para obter a resposta. Estudando o homem em todas as partes buscamos e encontramos signos e tratamos de compreender seu significado.” (Bakhtin, 1985, p. 305).

A comunicação com internet e pela troca de e-mails tem como objetivo estabelecer um vínculo de confiança entre ambos, permitindo que o orientando diminua o grau de ansiedade que sente e desenvolva sentimento de credibilidade para com o orientador. Pela constatação das necessidades apresentadas buscou-se alternativas na comunicação e em teorias que contribuíssem com a orientação à distância.

A tentativa de se conhecerem mutuamente fundamenta-se em Paulo Freire que trata da relação educador e educando, em que ambos são mediados pela leitura de mundo.

“Há algo ainda de real importância a ser discutido na reflexão sobre a recusa ou ao respeito à leitura de mundo do educando por parte do educador. A leitura de mundo revela, evidentemente, a inteligência do mundo que vem cultural e socialmente se constituindo. Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo.” (Freire, p. 139; 2002).

Foi pelos olhos, via e-mails, de meu orientando, que fez a leitura do seu mundo, assim como ele pode fazer a leitura do meu mundo, através dos meus olhos, via meus e-mails, que realidades diferentes foram contextualizadas.

Mundos distantes, situados geograficamente na África, em Angola e na América do Sul, no Brasil e olhos que nunca se encontraram, mas que estabeleceram uma unicidade como educadores que são.

“É esta percepção do homem e da mulher como seres “programados, mas para aprender” e, portanto, para ensinar, para conhecer, para intervir, que se faz entender a prática educativa como um exercício

constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.” (Freire, p. 164; 2002).

O vínculo deveria ser construído para que o trabalho fosse elaborado, pois era esse o objetivo principal, formar professores em um país que se constrói e que precisa de professores. Pichon-Rivière fundamenta a orientação à distância quando traz que os vínculos internos e externos são construídos em processo espiral dialético tecidos pelas relações das partes envolvidas. Nos constituímos em educadores a partir da relação de orientador e orientando.

“O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com esta pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados . Por essa razão, o vínculo se relaciona posteriormente com a noção de papel, status e de comunicação”. (Pinchon-Rivière, 1991, p. 49).

A orientação via internet é alicerçada na palavra escrita, embora se tenha utilizado a força da imagem, troca de fotos e apresentação que pudessem nos decifrar.

“O vínculo, que primeiro é externo, depois se torna interno, depois externo novamente e, depois, volta a ser interno, etc., configurando permanentemente a fórmula dessa espiral dialética, dessa passagem do de dentro para fora e do fora para dentro, o que contribui para configurar a noção de limites entre dentro e fora. Isto determina com que as características do mundo interno de uma determinada pessoa sejam completamente diferentes daquelas do mundo interno de outras pessoas frente à mesma experiência da realidade externa”. (Pinchon-Rivière, 1991, p. 49).

A palavra escrita permeia os e-mails que viabilizou a orientação para a elaboração da monografia, esta pode se constituir em emancipação pela teoria de Bakhtin, que orienta na interlocução pela palavra, que no caso tornou-se escrita pela especificidade da ferramenta, com internet.

Considerações Finais

O trabalho de conclusão de curso foi orientado via e-mails, de agosto de 2002 a agosto de 2003. Durante esse período foi possível não apenas elaborar a monografia, mas estabelecer uma nova forma de orientação de alunos à distância, que se mostrou viável.

No caso apresentado como proposta desenvolvida foi iniciada uma linguagem que se fundamenta em Paulo Freire, Mikhail Bakhtin e Enrique Pichon-Rivière, como possibilidade de construção de novas linguagens para orientação à distância.

A orientação à distância, via internet, possibilitou que um aluno angolano obtivesse sua habilitação de professor em nível superior de ensino, sem a qual não seria viável. Permitiu que se buscasse novas alternativas de linguagem que dessem conta de solucionar o problema posto pela comunicação via e-mail.

A internet encantou seres humanos de dois países distantes que se encontraram virtualmente, se conheceram como profissionais da educação, construíram conhecimento, dividiram sentimentos, aproximaram povos e culturas, diminuíram a distância entre Angola e Brasil, aprenderam juntos e tornaram-se amigos. Enfim, abriu janelas virtuais pela internet e construiu do conhecimento pela concretude do fazer pedagógico-educacional como viável e possível.

Superou as dificuldades, que se apresentaram pela mediação do veículo tecnológico e os vínculos entre profissionais da educação.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. Hacia una metodología de la ciencias humanas. In: M. Bakhtin. Estética de la creación verbal. Buenos Aires, Argentina: Siglo Veintiuno Argentina Editores, 1985.

_____. Estética da criação verbal. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

_____. Pedagogia da Autonomia. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2002.

PICHON-RIVIÈRE, E. Teoria do Vínculo. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1991.